

FRAMES COGNITIVOS E INTERACIONAIS NA COMPREENSÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM L2: UM ESTUDO DE CASO*

ALESSANDRA BALDO**

RESUMO

Este texto apresenta os resultados de uma análise dos processos cognitivos empregados por cinco aprendizes de português como L2 para a inferência de expressões idiomáticas (EIs) a partir do conceito de frames cognitivos e interacionais de Fillmore (1982) e Fillmore e Baker (2010). A análise dos dados, coletados através da técnica de protocolos verbais, sugere que o potencial explanatório da teoria proposta pelos autores é aplicável também à compreensão dos processos de atribuição de significado de EIs na língua-alvo, seja através do conceito de frames cognitivos, seja através do conceito de frames interacionais.

PALAVRAS-CHAVE: frames cognitivos, frames interacionais, expressões idiomáticas, ensino-aprendizagem de L2.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão dos vocábulos de uma determinada língua ocorre necessariamente dentro de um contexto social e linguístico específico, e a esse contexto Fillmore (1982) denomina de frame. Essa moldura ou enquadre comunicativo – as traduções mais usuais da palavra – tem como base o conhecimento cultural do uso da palavra ou expressão específica pelos falantes (SILVA, 2011).¹ Tendo isso como pressuposto, e partindo do entendimento de que as expressões idiomáticas (EIs) de uma dada língua guardariam, via de regra, relações culturais ainda

* Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no IV SENALLP–Seminário Nacional de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa, na Universidade de Rio Grande, RS, em 2013.

** Professora-adjunta do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil. E-mail: alessabaldo@gmail.com.

mais estreitas do que itens lexicais isolados, a escolha da noção de frame para explicar o processo de tentativa de compreensão de EIs por aprendizes de português como língua estrangeira (L2), feita pelo estudo aqui descrito, parece justificada.

O estudo teve como objetivo principal, com base nos pressupostos supracitados, investigar os processos inferenciais de cinco falantes de português como L2 envolvidos na atribuição de significado de EIs através dos conceitos de frames cognitivos e interacionais, conforme elaborados por Fillmore (1982) e Fillmore e Baker (2010). As expressões idiomáticas foram inicialmente apresentadas pelos sujeitos desprovidas de contexto, momento em que puderam ser observados os frames cognitivos, e em seguida interpretadas a partir de um contexto específico, quando puderam ser avaliados os frames interacionais.

O texto está dividido em cinco partes. A revisão da literatura sobre teorias dos frames e conceitos a elas relacionados é exposta na primeira seção, enquanto a relativa ao papel das EIs na aquisição de língua estrangeira é destacada na segunda. Na terceira seção, a metodologia adotada no estudo é descrita, seguida pela descrição e análise dos dados, na quarta. Por fim, na quinta e última seção avaliam-se os resultados obtidos, visando (i) a oferecer uma compreensão mais detalhada do processamento inferencial de EIs por aprendizes de uma L2, a partir da inclusão de princípios da teoria semântica de frames a achados de estudos na área, como também (ii) a propiciar uma reflexão sobre as possibilidades de transposição didática desses resultados.

2 FRAMES, FRAMES COGNITIVOS E INTERACIONAIS

O questionamento de como nosso conhecimento está organizado e estruturado tem resultado na elaboração de teorias diversas, às quais tem se seguido um número mais ou menos expressivo de estudos. Uma dessas teorizações, desenvolvida a partir de conceitos da inteligência artificial e ainda vigente atualmente, é a teoria dos frames.

A teoria dos frames propõe que o conhecimento de um determinado objeto é representado pela observação visual deste objeto: a partir de uma ideia já concebida na memória de como seria o objeto,

o conhecimento deste é construído com base na comparação desta ideia com as propriedades observadas visualmente (MINSKY, 1981). Frames representam objetos completos, sendo identificados por um nome e constituídos por um conjunto de slots. Os frames são subordinados a frames superiores na hierarquia, e o frame especial é o que constitui a base da cadeia de significado² Como ilustração, apresentamos um exemplo do frame “supermercado” e do frame subordinado, ou sub-frame, “setores no supermercado” a seguir:

2.1 FRAME: SUPERMERCADO

Sub-frame: diferentes setores no supermercado - *Slot 1*: setor de frutas e verduras; *slot 2*: setor de pães; *slot 3*: setor de congelados.

Assim, ao introduzir o construto de frames, a ideia de Minsky era representar o conhecimento de aspectos comuns do mundo. De acordo com Brewer (1999), os frames são estruturas de conhecimento formadas por informação estrutural fixa, complementados por *slots*, os quais aceitam uma gama de valores (conceitos). Caso nenhum conceito seja solicitado do mundo externo, o conceito padrão – *default* – é preenchido, a fim de que o novo conhecimento seja organizado. Assim, no exemplo supracitado, a menos que seja mencionado que esse supermercado somente existe na modalidade virtual, ou seja, as compras são feitas pela internet e o pagamento se dá via cartão de crédito, o *slots* caixas para pagamento será criado. De modo diverso, a informação recebida do mundo externo – seja por meio de observação, seja por meio de diálogo ou texto escrito – de que se trata de um supermercado virtual fará com que um novo *slot* – pagamento somente via cartão de crédito – seja preenchido, possibilitando, assim, a construção do conhecimento específico desse objeto a partir do frame supermercado virtual.

Além da relação de especificidade exemplificada acima, Gawron (2008) descreve ainda dois outros tipos de relações entre frames. Uma delas é denominada de relação de perspectiva, definida como uma relação entre dois frames na qual um deles é visto como uma instância do outro. Nas palavras do autor (2008, p. 30), “há funções de instâncias do frame A para o frame B, mantendo determinadas correspondências de papéis”. Outra é classificada de relação definicional, e ocorre

sempre que um frame é invocado para determinar outro. Para o autor³, que exemplifica a relação com os frames casamento e divórcio, trata-se da mais frequente e da mais aberta. Além disso, ela parece abarcar tanto as relações de especificidade como as de perspectiva.

Os proponentes das teorias dos frames (como, por exemplo, Minsky, 1981; Rumelhardt, 1980, 1988), denominada também de teoria dos esquemas, têm como argumento chave a existência de fenômenos que pertencem a grandes esferas de comportamento no mundo psicológico, sendo os frames e esquemas os modelos mais apropriados para a representação do conhecimento desses fenômenos (BREWER, 1999).

Entre os linguistas que desenvolveram teorias a partir do conceito de frames, o estudo precursor de Fillmore (1982), no contexto de sua teoria semântica (*frame semantics*), como também seu mais recente desdobramento, apresentado em Fillmore e Baker (2010), serão destacados a partir desta parte, em especial a divisão entre frames cognitivos e interacionais, pois, como mencionado anteriormente, servirão de base para o estudo aqui descrito.

De acordo com o autor⁴, um frame é “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para compreender qualquer um deles, é necessário compreender a estrutura global na qual ele se encaixa” (p. 111). Contudo, enquanto todos os significados das palavras são relativos a frames, uma palavra apenas não ativa um frame completo, já que diferentes palavras selecionam diferentes aspectos do conhecimento (GAWRON, 2008, p. 8). Dito de outro modo, Fillmore enfatiza a reciprocidade entre palavras e frames da seguinte maneira: enquanto o frame estrutura o significado das palavras, essas evocam determinados tipos de frames em detrimento de outros.

Para Fillmore⁵, há dois tipos de frames passíveis de realização pelos falantes, os frames cognitivos e os interacionais (p. 117). O primeiro deles ocorre independentemente da situação real de comunicação, sendo construído pelos domínios cognitivos envolvidos na construção de significados. Em outras palavras, para compreender a moldura comunicativa, é necessário conhecer os domínios cognitivos que a motivam e haver um compartilhamento de frame entre os interlocutores. Naturalmente que o contexto cognitivo aqui é restrito a

eventos que envolvem linguagem, com base na sua teoria denominada semântica de frames. A esse respeito, Fillmore e Baker (2010) lembram que:

Qualquer discussão sobre uma ‘abordagem de frames’ com relação à análise semântica deve primeiramente fazer uma distinção entre (1) o modo como as pessoas empregam frames cognitivos para interpretar suas experiências, independentemente de essas se darem através da linguagem, (2) e a Semântica de Frames como o estudo da forma que, como parte de nosso conhecimento da linguagem, nós associamos *formas linguísticas* [palavras, frases fixas, padrões gramaticais] às estruturas cognitivas – os *frames* – que determinam o processo (e o resultado) da interpretação dessas formas (2010, p. 313-14, tradução nossa).

O segundo tipo de frame, diferentemente do cognitivo, ocorre somente a partir de interações linguísticas significativas, ou seja, interações que evocam molduras elaboradas com base na compreensão da situação comunicativa, através da capacidade dos falantes de organizar e esquematizar os elementos do mundo. O autor explica que esse frame está relacionado com a forma como conceitualizamos o que acontece entre o falante e o ouvinte, ou entre o autor e o leitor, no momento da interação comunicativa. Os frames interacionais, assim, são uma ferramenta para utilizar o conhecimento prévio e expectativas trazidas pelos interlocutores para dar suporte à compreensão e produção do discurso oral e escrito, especialmente com relação aos exemplares de gêneros aceitáveis (CIENKI, 2007, p.173). Fillmore parte do pressuposto, hoje aceito por unanimidade entre estudiosos do discurso, de que o conhecimento do gênero do texto – por exemplo, se contrato comercial, conto folclórico ou proposta de casamento – desencadeia o emprego de estratégias de compreensão específicas, as quais auxiliam para uma interpretação bem-sucedida (1982, p. 117).

Relembrando que este texto propõe uma reflexão sobre os processos cognitivos utilizados por aprendizes de português como L2 durante a atribuição de significado a EIs na L2s com base na teoria semântica de Fillmore⁶, como também sobre as implicações da compreensão desses processos no ensino-aprendizagem de EIs

em língua estrangeira, a próxima seção discorre sobre a relação entre expressões idiomáticas e ensino-aprendizagem de L2.

3 EIS E ENSINO-APRENDIZAGEM DE L2

As EIs refletem as transformações na conceptualização do universo, como também nas relações entre os seres humanos e o universo, e são utilizadas para “comunicar nossos pensamentos e sentimentos, para dar vida e riqueza à linguagem ao juntar as palavras existentes, combiná-las em um novo sentido e, por fim, criar novos significados” (LENNON, 1998 *apud* SADEGHI, DASTJERDI e KETABI, 2010, p. 81). Dada essa riqueza e complexidade das expressões idiomáticas, é bastante compreensível o destaque que têm recebido no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

No caso do Português como L2, esse movimento não é diferente. Há um número considerável de estudos sobre expressões idiomáticas, com diferentes enfoques, mas em geral com ênfase na indissociável relação entre ensino de EIs e ensino de cultura. Nesse contexto, a seguinte afirmação de Kramsch é pertinente.

A emoção de conseguir usar formas de discurso que são reservadas somente para falantes nativos, como gírias e expressões altamente idiomáticas, é uma das formas através da qual os aprendizes ganham poder dentro de um sistema que, por sua natureza, os lembra quão impotentes eles realmente são. (KRAMSCH, 1993, p. 243, tradução nossa)

Assim, não somente o ensino das expressões idiomáticas é relevante pelo conhecimento linguístico e cultural que revela ao aprendiz, mas também pela oportunidade que lhe oferece de sentir-se confiante no seu processo de aprendizagem da L2. O conhecimento de EIs, desse modo, conseguiria tornar mais próxima do aprendiz o novo sistema linguístico que ele está construindo, e essa proximidade, sabemos, é um dos fatores determinantes para a aprendizagem bem-sucedida de uma L2.

Além disso, a relativização dos valores morais é outro aspecto do ensino de L2 que encontra terreno fértil para desenvolvimento com

a apresentação de EIs aos aprendizes. O processo de refletir sobre as possíveis razões para EIs não encontrarem equivalentes em sua L1 e, por outro lado, algumas serem bastante semelhantes, como também sobre as motivações para a atribuição de determinado significado a uma dada expressão, somente pode ocorrer de fato na medida em que o aprendiz avaliar diferenças e semelhanças culturais entre as duas línguas. A compreensão de Gibbs (1994) sobre as condições de uso das EIs é, nesse contexto, bastante esclarecedora:

As condições pragmáticas de uso das expressões idiomáticas não são arbitrárias ou, a rigor, uma questão de convenção, mas podem ser diretamente motivadas pelo entendimento das estruturas conceituais que subjazem às expressões idiomáticas e pela conceituação dos eventos e conceitos em diferentes situações discursivas. (GIBBS, 1994, p. 302)

A não arbitrariedade do uso das EIs também é sublinhada por Silva (2011), ao analisar EIs que encerram relações metonímicas à luz da teoria de Lakoff e Johnson (1980). De acordo com a autora, as pessoas percebem e categorizam o mundo tendo como critério noções de semelhança e diferença, a partir dos conhecimentos já adquiridos.

Essa categorização do mundo, é importante notar, está diretamente relacionada com a noção de frame descrita na seção precedente. Assim, esperamos ter conseguido mostrar, ainda que em poucas linhas, a relação entre uso das EIs, aspectos culturais e estruturas cognitivas, tendo em vista que foi essa relação que motivou a seleção da teoria semântica de frames para o desenvolvimento deste estudo.

Na próxima seção descrevemos a metodologia adotada no estudo, com vistas a possibilitar avaliar em que medida a teoria semântica dos frames poderia ser considerada adequada para explicar os processos de atribuição de significado de EIs por aprendizes de L2.

4 METODOLOGIA

O estudo teve como sujeitos cinco alunos matriculados no Nível I do curso de Português para Estrangeiros em 2012, oferecido por uma universidade federal do sul do país. A seleção dos participantes teve

como critério o nível de compreensão leitora em português, já que o pré-requisito chave era a habilidade de compreender pequenos textos na L2. A maioria tinha o espanhol como língua materna – três deles -, um, o chinês, e o último, o mandarim.

Para a obtenção dos dados, foram selecionadas dez expressões idiomáticas com as palavras mãos, pés e dedos, com o objetivo de manter uma relação semântica entre elas, conforme apresentado no Quadro 1.

QUADRO 1 - EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

1. PASSAR A MÃO NA CABEÇA	6. GANHAR/DAR DE MÃO BEIJADA
2. ESTAR COM AS MÃOS ATADAS	7. FICAR NO PÉ
3. METER OS PÉS PELAS MÃOS	8. TER MÃO LEVE
4. FICAR CHEIO DE DEDOS	9. NÃO TER PÉ NEM CABEÇA
5. DAR A MÃO À PALMATÓRIA	10. SER UMA MÃO NA RODA

Além da escolha das EIs, foram selecionados textos da internet que as contemplassem. Os textos são todos autênticos, mas a maioria deles foi editada – em geral, optou-se por uma versão mais curta do texto original e buscou-se apresentá-los aos participantes com o *layout* mais próximo do original. Como ilustração, o texto com a EI “cheio de dedos” está no anexo deste trabalho.

A coleta de dados se deu em sessões individuais, por meio de protocolos verbais de pausa e retrospectivos, que consistem em solicitar que o sujeito verbalize o que está pensando no momento em que busca realizar a tarefa solicitada (protocolo de pausa), e logo após tê-la realizado (protocolo retrospectivo), possibilitando assim que o pesquisador obtenha informações sobre os processos cognitivos por ele empregados (ERICSON e SIMON, 1993; AFFLERBACH, 2000; CAMPS, 2003). Todas as verbalizações foram gravadas em áudio, e os dados, posteriormente transcritos.

As seguintes etapas foram adotadas durante a aplicação dos instrumentos:

- i) apresentação das EIs descontextualizadas aos sujeitos, solicitando que procurassem formar um significado para as que julgassem desconhecidas a partir de quaisquer tipos de conhecimento prévios que possuísem. Os dados dessa etapa, coletados através de protocolos de pausa, foram avaliados a partir do conceito de frame cognitivo (FILLMORE, 1982; FILLMORE e BAKER, 2010).
- ii) leitura dos textos que continham as EIs consideradas desconhecidas, seguida por nova tentativa de atribuição de significado das expressões pelos sujeitos, e/ou pela comparação com o significado atribuído à expressão descontextualizada.

A avaliação desses dados, também obtidos por protocolos de pausa, foi pautada pelo conceito de frame interacional.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Retomando o objetivo do estudo, que é o de avaliar os processos cognitivos empregados pelos aprendizes de português como L2 para a inferência de EIs a partir dos conceitos de frames cognitivos e frames interacionais, apresentamos a seguir excertos de protocolos verbais dos participantes obtidos tanto durante a tentativa de inferência de significado das EIs descontextualizadas como das contextualizadas.

Selecionamos, para fins de ilustração, os protocolos referentes a três EIs – “meter os pés pelas mãos”, “ficar cheio de dedos” e “uma mão na roda”. O critério para a seleção das EIs analisadas neste artigo foi seu grau de opacidade: enquanto “meter os pés pelas mãos” é classificada como transparente, ambas “ficar cheio de dedos” e “uma mão na roda” são consideradas opacas. Cabe notar ainda, com relação à primeira EI, que o espanhol possui uma expressão semelhante – “*meter la pata*” –, o que, a princípio, poderia tornar o seu significado ainda mais claro para os participantes hispânicos.

Além disso, para cada uma dessas EIs, selecionamos protocolos de sujeitos específicos – sujeitos 2 e 4 para a primeira EI, sujeitos 3, 4 e 5 para a segunda EI, e, por fim, sujeitos 4 e 5, para a terceira – tendo em vista que o objetivo aqui é tão somente demonstrar o resultado do

nosso estudo, e não proceder a uma análise detalhada de todos os dados. Assim, foram escolhidas as entrevistas que apresentaram respostas com maior quantidade de dados passíveis de serem avaliados. Os sujeitos 2, 3 e 4 são falantes nativos de espanhol, enquanto o sujeito 5 é falante nativo de chinês.

Esta seção está dividida em duas partes: na primeira, exemplos de protocolos referentes às inferências de EIs descontextualizadas são analisados. Na segunda, a análise se volta a exemplos de protocolos sobre as inferências das mesmas EIs destacadas na primeira parte, realizadas pelos mesmos sujeitos, mas com a diferença chave da presença de um contexto (texto) para cada uma delas.

5.1 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DESCONTEXTUALIZADAS: FRAMES COGNITIVOS

Como recém-descrito, os protocolos que seguem são relativos às expressões descontextualizadas. Iniciamos pelos dados sobre a expressão “meter os pés pelas mãos”, pelos Sujeitos 2 e 4, apresentados na Tabela 1. Os protocolos foram editados de modo a excluir informações não relevantes para a análise.

TABELA 1 - PROTOCOLOS PARA A EI DESCONTEXTUALIZADA “METER OS PÉS PELAS MÃOS”

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 2	<p>S2: Eu acho que tem a ver com fazer algo com a ferramenta equivocada, como atropelar.</p> <p>E.: Como você chegou a isso?</p> <p>S2: Acho que pela expressão mesmo, é para fazer com as mãos e você faz com os pés.</p> <p>S4: Meter os pés pelas mãos, eu acho que é quando a pessoa faz alguma coisa inesperada, ou... (fica pensando)...</p> <p>P.: Inesperada como?</p>

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 4	<p>S4: Não é para fazer e você faz. Por exemplo, não era para você falar alguma coisa e você falou, não era para você contar algum segredo e você contou.</p> <p>P.: O que fez você chegar a essa conclusão?</p> <p>S4: (pensa um pouco)... É que, no lugar dos pés, deveria ter colocado as mãos, então fez diferente, por isso cheguei nessa conclusão.</p> <p>E: Então, pela ordem das palavras na frase?</p> <p>S4: Sim, acho que sim. Eu acho que é mais ou menos uma analogia, “meter os pés pelas mãos”.</p>

É possível afirmar, com base na teoria semântica dos frames de Fillmore e Baker, que os dois trechos dos protocolos exemplificam a utilização de frames cognitivos para a interpretação do significado da EI “meter os pés pelas mãos”. Conforme descrito na seção anterior, a metodologia do estudo previa a ausência de contexto nesta etapa do processo inferencial das EIs, possibilitando a observação da interpretação que ocorre independentemente da situação real de comunicação.

Essa interpretação, conforme se observa nos exemplos da Tabela 1, foi possível devido à associação dos sujeitos entre o conhecimento das formas linguísticas (palavras, frases fixas etc.) e os frames que determinam o processo de atribuição de significado a essas formas. Ambos os participantes inferiram que o sentido da EI estava relacionado com a ideia de fazer uma ação de uma forma indevida, e isso pode ter se dado por correlação com as formas linguísticas “pés” e “mãos”, como também pela expressão “meter/colocar X no lugar de Y” – ou, ainda, as duas.

Ainda que as palavras pés e mãos refiram-se a extremidades do corpo humano, pode-se argumentar que as ações feitas por meio dos pés diferem, de modo geral, das feitas pelas mãos, sendo as últimas usualmente mais complexas e refinadas. Assim, esse frame cognitivo autorizaria definições como “fazer algo com a ferramenta equivocada”

(Suj. 2) e “não era para fazer e você faz” (Suj. 4). Além disso, a ideia de colocar algo no lugar de outra coisa, também explícita na EI sob análise, faz parte de um frame cognitivo que, salvo casos especiais, encerra em si uma ideia negativa, de substituição por algo inferior. Sendo assim, qualquer uma das relações entre forma linguística e frame cognitivo leva ao significado corrente da EI na L2.

Por fim, cabe observar ainda que as inferências apropriadas dos participantes para essa EI podem ser explicadas pelo seu nível relativamente elevado de transparência, quando comparada a outras EIs. Estudos têm mostrado que quanto maior o nível de opacidade de uma EI, maior o nível de dificuldade de interpretação dessa pelo aprendiz, e vice-versa (LIONTAS 2001, 2002; POLÓNIA, 2009; SADEGHI, DASTJERDI e KETABI, 2010).

Na Tabela 2 são apresentados os protocolos verbais dos Sujeitos 3, 4 e 5 quando solicitados a inferir o significado da EI “ficar cheio de dedos” de forma descontextualizada.

TABELA 2 - PROTOCOLOS PARA A EI DESCONTEXTUALIZADA “FICAR CHEIO DE DEDOS”

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 3	S3: Eu acho que é assim, vendo a expressão, cheio de dedos, talvez ficar todo atrapalhado?
SUJEITO 4	S4: Aqui, eu faria uma comparação também, ficar cheio de dedos, com ter mais ou menos tentáculos (tentáculos? não sei como diz...), ter muitas coisas, ou abarcar muitas coisas. Ter muitas coisas, tentar abarcar muitas coisas. Talvez seria isso, mas... E: Tentar abarcar mais coisas do que poderia? S4: Isso. E: E isso é por uma comparação que você fez, uma imagem com algo? S4: Sim, como o pulpo, em espanhol. E: Sim, o polvo.

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 5	<p>S5: Não consigo imaginar...ficar cheio de dedos? ...Cheio de ideias, jeitinho.</p> <p>E: Em que sentido, cheio de ideias, jeitinho?</p> <p>S5: Ideias para resolver certas coisas, ele tem muitos recursos.</p> <p>E.: Você pode tentar explicar um pouco mais?</p> <p>S5: Não sei...ele tem várias maneiras de resolver.</p> <p>E.: O que te levou a pensar nessa possibilidade?</p> <p>S5.: Não sei, de repente porque mão é um instrumento fundamental para resolver as coisas, então ter mais dedos seria ter mais formas de resolver, mais recursos.</p>

Aproveitando o gancho da análise relativa à EI anterior no que diz respeito ao nível de transparência/opacidade e nível de facilidade/dificuldade de interpretação, observa-se aqui o fenômeno inverso: por tratar-se de uma EI com um nível mais alto de opacidade em relação ao significado literal das palavras que a compõem, os participantes não conseguiram inferir o significado corrente da EI somente a partir dos frames cognitivos.

Ainda que não seja possível afirmar com precisão, somente com base na informação fornecida pelo protocolo do Sujeito 3, qual frame cognitivo dá suporte à inferência entre a forma linguística “ficar cheio de dedos” e o frame conceitual “estar atrapalhado”, parece viável a hipótese de que esta teve como base a ideia de que dedos a mais nas mãos atrapalhariam o desempenho das funções comumente desempenhadas por esse membro do corpo. Por outro lado, os frames dos Sujeitos 4 e 5 são facilmente identificáveis. Enquanto o primeiro enquadra a forma linguística “ficar cheio de dedos” com a ideia de “tentar ‘agarrar’ mais coisas do que seria possível”, construída a partir da imagem do polvo, o segundo relaciona a forma linguística “cheio de dedos” com o conceito “cheio de recursos” a partir do frame cognitivo “as mãos são instrumentos essenciais para resolver coisas”.

É importante notar que, embora nenhum dos frames cognitivos adotados pelos participantes tenha resultado no uso apropriado da EI na

L2, todos são pautados por relações cognitivas construídas a partir de premissas aceitáveis, de modo geral, na sociedade como a concebemos atualmente, ou seja: dedos a mais nas mãos atrapalham o desempenho de funções realizadas por esse membro; o polvo tem muito tentáculos; as mãos são instrumentos essenciais para resolver coisas. Esse resultado sugere, pelo menos para determinadas EIs, a impossibilidade de dissociar o emprego dos frames cognitivos e interacionais na atribuição de significados na L2. Em outras palavras, o resultado ressalta o papel do contexto para a inferência apropriada das EIs, dado que é o contexto que responde pela ativação dos frames interacionais, como veremos na seção seguinte.

A Tabela 3 a seguir descreve as respostas dos sujeitos à terceira EI selecionada para análise, “ser uma mão na roda”, a qual, a exemplo da EI precedente, tem alto grau de opacidade.

Ao analisar os protocolos dos Sujeitos 4 e 5, o dado que chama mais a atenção é o resultado do processo inferencial: os significados atribuídos à EI em questão são opostos, tendo o participante 4 entendido que “ser uma mão na roda” significava atrapalhar, e o participante 5, ajudar. Novamente, ambos os frames cognitivos são aceitáveis, na medida em que colocar a mão em uma roda que está rodando vai, de fato, parar seu andamento, como também oferecer sua mão vai contribuir para o aumento da roda, sendo que a participação e o engajamento tendem a ser vistos como ações positivas e úteis em nossa sociedade.

TABELA 3 - PROTOCOLOS PARA A EI DESCONTEXTUALIZADA “SER UMA MÃO NA RODA”

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 4	S4: Ter uma mão na roda...Eu acho que é quando uma pessoa vai obstruir, vai atrapalhar alguma coisa...é...uma mão na roda. E: Você entendeu as palavras, entendeu normal? Sabe o que é roda?

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 4	<p>S4: Sim. Tipo, eu imagino, vem uma roda rodando, e você mete a mão. Como eu poderia explicar essa expressão em uma analogia, em um evento? Quando alguém faz alguma coisa de propósito, para atrapalhar ou... Como é que eu... Não é normal alguém botar a mão na roda, não? Como é que eu... Qual é a proposta de alguém botar a mão na roda? É se ferir ou atrapalhar o andamento da roda.</p>
SUJEITO 5	<p>S5: Ser uma mão na roda...Eu não sei como fica... E.: A gente diz assim, alguém ou algo é uma mão na roda. S5: Eu não sei... Eu não ouvi... E.: E assim, olhando para a expressão, para a palavra roda, você arriscaria algum significado? S5: Não sei, de repente uma pessoa foi útil para outra em uma tarefa. E.: E por que essa ideia de útil? S5: Não sei, uma mão na roda...não sei por quê. E.: Por que só olhando para a expressão, ela não dá de imediato a ideia de ser útil. Você deve ter feito alguma relação, não? S5: É, eu não sei, porque a roda que eu imaginei é a roda feita por pessoas, então a mão na roda faz parte da roda. E.: Ah, uma roda de pessoas...Sim, agora entendi.</p>

Especificamente com relação ao protocolo do Sujeito 5, cabe notar que, embora o significado inferido confira com o significado da EI em L2, o frame cognitivo está longe de guardar relação com a explicação histórico-cultural do significado da EI. O que é interessante perceber é que, mesmo com o desconhecimento desse contexto – esperado, em certa medida, tratando-se de aprendizes de português como L2 –, o aprendiz tenta encontrar um significado com o único recurso que dispõe, ou seja, a experiência obtida através da percepção do mundo em que vive, a partir da qual cria os frames cognitivos.

Na seção seguinte, focaremos nas mudanças nos processos inferenciais dos participantes para a atribuição de significado das EIs a partir do acréscimo dos frames interacionais.

5.2 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS CONTEXTUALIZADAS: FRAMES INTERACIONAIS

Nesta seção, realizaremos uma análise única após a exposição dos protocolos verbais referentes às três expressões idiomáticas destacadas aqui. Isso se deve especificamente por se tratar de inferências realizadas a partir de contextos específicos – ou seja, os textos nos quais as EIs se encontravam, os quais permitiram a ativação e criação de frames interacionais juntamente com os frames cognitivos, facilitando, de modo geral, a construção de significados apropriados. Na Tabela 4 estão dispostos os protocolos verbais dos Sujeitos 2 e 4 com relação à EI “meter os pés pelas mãos”; na Tabela 5, são apresentados os protocolos dos Sujeitos 3, 4 e 5 para a inferência da EI “ficar cheio de dedos”. Por fim, a Tabela 6 mostra as respostas dos Sujeitos 4 e 5 para o significado da expressão “ser uma mão na roda”.

TABELA 4 - PROTOCOLOS PARA A EI CONTEXTUALIZADA “METER OS PÉS PELAS MÃOS”

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 2	E.: Após a leitura, você entende que o significado da EI atribuído anteriormente está adequado? S2: Acho que sim, tem a ver com fazer as coisas erradas, porque diz assim, por causa da ansiedade.
SUJEITO 4	E.: Então, o significado de meter o pé pelas mãos confere com o que você disse antes? S4: Acho que confere. E.: O que diz o texto?

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 4	S4: ...eu li que quando estamos sob determinado stress, a gente faz coisas que não deveria fazer. Aí ele utiliza o termo meter os pés pelas mãos quando a pessoa vai dizer o que não deve, discute, ou seja, a pessoa faz as coisas com a cabeça quente.

TABELA 5 - PROTOCOLOS PARA A EI CONTEXTUALIZADA “FICAR CHEIO DE DEDOS”

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 3	<p>S3: É, pode ser assim, ele conhece uma coisa muito bem, é mestre, ele conhece uma coisa muito bem, dá pra falar, ninguém vai duvidar...</p> <p>E: Vamos ver, vamos seguir no texto e ver se é isso.</p> <p>S3: (Relê a frase). “Se acha?” Tipo assim, estava “se achando”?</p> <p>E.: Pode ser. Por que você acha que é isso?</p> <p>S3: Na verdade, não consigo entender bem aqui... Podemos passar para a outra?</p> <p>E.: Sim, tudo bem.</p>
SUJEITO 4	<p>E4: Aqui, eu não sei se estou sendo muito literal, mas acho que é...que estava cheio de dedos, poderia ser porque ele teve todo o cuidado de falar, pra não prejudicar os seus amigos, e foi expressando o que ele achava.</p> <p>E: Ou seja, essa expressão, no contexto, levou você a pensar que ele estava preocupado, que ele não queria prejudicar os amigos.</p> <p>S4: Sim.</p> <p>E: Tem relação com o que você disse quando viu a expressão sem contexto?</p> <p>S4: Não, nada a ver.</p>

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 5	<p>S5: não sei se é uma situação...o significado de estar cheio de dedos...uma situação complicada porque está dizendo “pensando com toda certeza em não melindrar amigos”, então sei lá pensei de repente cheio de dedos ao entrar numa situação complicada...como posso dizer?</p> <p>E.: Sim, entendo, evitar deixar os amigos em uma situação delicada. Poderias explicar um pouco mais?</p> <p>S5: que cuida para não afetar ninguém.</p> <p>E.: Como você chegou a isso, pelo texto?</p> <p>S5: porque ele estava falando sobre essa coisa insignificante da reforma e sei lá o que, porque pediram pra ele falar dessa reforma, então ele tem uma opinião mas ele não queria magoar os amigos, mas pra ele é uma situação delicada e então não queria dizer exatamente o que ele acha.</p> <p>E.: Você acha que esse significado identificado agora tem alguma relação com o significado inicial que você encontrou para a expressão?</p> <p>S5: Eu acho que sim, porque na verdade a pessoa tem que estar atendendo vários aspectos, vários..., então cheio de dedos, cheio de preocupações.</p> <p>E.: Não deixa de ser...Então por aí fazes essa relação, que ele precisa/tem mais recursos para lidar com uma situação.</p>

TABELA 6 - PROTOCOLOS PARA A EI CONTEXTUALIZADA “SER UMA MÃO NA RODA”

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 4	<p>S4: ...tá, mão na roda então, não seria pra atrapalhar na verdade, seria uma grande ajuda.</p> <p>E.: É, é isso. Não tem nada a ver com a conclusão que tinha chegado, não?</p> <p>S4: É bem diferente mesmo.</p>

SUJEITOS	PROTOCOLOS VERBAIS
SUJEITO 4	E.: Exatamente, é ao contrário. Nunca tinha ouvido essa expressão? S4: Não, foi a primeira vez que escutei.
SUJEITO 5	S5: Fica...um instrumento útil? E.: Como você chegou a isso pelo texto? S5: porque está falando em como baixar, como salvar vídeos no youtube, e depois fala “esse programa é uma mão na roda pra quem gosta de personalizar vídeos e coisa...”, e depois ainda elogia, “é uma excelente solução pra baixar...”. Por isso eu acho que fica um instrumento útil, uma ferramenta. E.: Sim, OK.

Como se pode perceber pelos protocolos dispostos nas Tabelas 4, 5 e 6, entre os processos inferenciais realizados pelos participantes nas três EIs, somente as inferências relativas à expressão “ficar cheio de dedos”, pelo Sujeito 3, não apresentaram correspondência com o significado corrente da EI na L2. A recuperação da sentença que precede à que contém a EI oferece uma pista sobre as definições dadas pelo participante:

“Junqueira, afora ser um dos melhores tradutores de literatura estrangeira, é poeta traduzido até na China. Estava *cheio de dedos* para falar sobre a reforma...”

Primeiramente, o participante infere que a expressão teria relação com “conhecer algo muito bem”, e, depois, com a gíria “se achar”, no sentido de “ficar exibido por julgar ter um grande conhecimento sobre algo”. Ambos os sentidos têm relação com o trecho recém-transcrito, e podem ser compreendidos através da elaboração de frames interacionais, conforme concebidos por Fillmore⁷ e Fillmore e Baker⁸.

Interessante observar, contudo, que o mesmo não vale para os frames cognitivos. Dito de outro modo, parece não haver (ou pelo menos não de imediato), no modo como percebemos o mundo, relação entre a forma linguística “ficar cheio de dedos” e “conhecer algo com

maestria” ou “exibir-se por ter grande conhecimento”. Essa relação é estabelecida tão somente em função da interação comunicativa – neste caso, entre leitor e (autor do) texto, conforme já visto.

E, de fato, é possível afirmar, com base na análise dos protocolos coletados neste estudo, que foi a interação comunicativa entre sujeitos e textos que permitiu a elaboração de frames interacionais que deram suporte a uma compreensão adequada das expressões, ou seja, funcionaram como ferramentas que possibilitaram a utilização do conhecimento prévio e das expectativas trazidas pelos interlocutores, favorecendo uma compreensão adequada das EIs (CIENKI, 2007).

Com relação à EI, “meter os pés pelas mãos”, é possível hipotetizar que, além do frame interacional, seu alto grau de transparência facilitou o enquadramento da forma linguística a estruturas cognitivas específicas, a partir da ativação de frames cognitivos. Assim, o processo de atribuição de significado desta EI combinou a ativação tanto de frames cognitivos como de frames interacionais.

Por outro lado, relativamente à segunda EI, “ficar cheio de dedos”, teve-se a situação inversa: com o significado mais opaco, a relação entre forma linguística e significado da EI ficou menos evidente, o que, conforme os dados sugerem, tornou mais difícil a ativação de frames cognitivos relevantes para a atribuição do significado apropriado da EI. Nesse caso específico, somente quando os frames interacionais foram ativados no momento da situação comunicativa é que houve maior possibilidade de atribuição do significado apropriado da EI – ainda que não em todos os casos, como se pode ver pela resposta do Sujeito 3.

De forma semelhante, a EI “ser uma mão na roda” teve seu sentido compreendido pelos sujeitos somente após a elaboração do frame interacional, o qual foi empregado tanto para ratificar, no caso do Sujeito 5, como para retificar, no caso do Sujeito 4, os significados anteriormente inferidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, relatamos os resultados de uma análise cujo objetivo foi verificar a aplicabilidade dos conceitos de frames cognitivos e

interacionais, advindos da teoria denominada Semântica de Frames de Fillmore (1982), aos processos de atribuição de significado a expressões idiomáticas por aprendizes de português como L2. A partir da seleção de protocolos verbais referentes aos processos inferenciais de EIs em português por cinco alunos participantes do curso de Português para Estrangeiros em uma universidade do sul do país, concluímos que a teoria semântica de Fillmore - especialmente através das noções de frames cognitivos e interacionais, oferece uma explicação adequada para os processos inferenciais de EIs.

De modo mais específico, os frames cognitivos ofereceram subsídio para a compreensão de EIs descontextualizadas, enquanto os interacionais, para as contextualizadas. Essa divisão, como os protocolos dos participantes evidenciaram, não é estanque, havendo casos em que tanto frames cognitivos como interacionais auxiliaram para a atribuição apropriada do significado.

A transposição dessas conclusões para a didática de ensino-aprendizagem de EIs na L2 traz como contribuição a possibilidade de ampliar o entendimento de como as expressões idiomáticas – e, da mesma forma, o léxico de modo geral – são processadas pelos aprendizes.

Estudos sobre esse tema, alguns deles referidos nas seções anteriores deste texto, têm contribuído significativamente para uma compreensão mais apurada maneira que os aprendizes de L2 inferem o significado de expressões desconhecidas na língua-alvo. A maioria dos achados desses estudos está relacionada com o grau de transparência *versus* opacidade das EIs (LIONTAS, 2002), com a presença e/ou natureza do contexto em torno das EIs (BULUT e ÇELIK-YAZICI, 2004; POLÓNIA, 2009), e, ainda, com a ordem da modalidade de processamento – se literal ou idiomática – pelo aprendiz de L2, em contraposição com o falante nativo (LIONTAS, 2001; SADEGHI, DASTJERDI e KETABI, 2010).

Todos eles têm, como recém-afirmado, uma grande importância no desenvolvimento da pesquisa sobre o processamento de EIs em L2. Contudo, o que percebemos como problemático é que a explicação é apenas parcial, deixando em descoberto o fenômeno como um todo. Como exemplo, podemos nos deter na dicotomia transparência *versus* opacidade das EIs. Os estudos mostram que um alto nível de opacidade de uma EI representa um obstáculo para a atribuição de seu significado,

devido à impossibilidade de uma interpretação literal. Entendemos que, ao acrescentarmos os conceitos de frames propostos na teoria de Fillmore e Fillmore e Baker a essa explicação, podemos compreender esse achado de modo mais completo. Nesse sentido, a explicação seria de que a opacidade de uma EI representa um obstáculo na medida em que o aprendiz não encontra, em sua estrutura de conhecimento, frames cognitivos – e, dependendo do caso, nem interacionais – que se adequem à representação que consegue fazer da EI.

Cabe notar, nesse contexto, que a última explicação não exclui a primeira. Nossa proposta é que as abordagens sejam complementares, cada uma em seu nível de detalhamento. Ainda a título de ilustração, consideremos os estudos que afirmam que a natureza do contexto no qual as EIs se encontram afeta a compreensão destas. O argumento de que o contexto mais explícito favorece as inferências apropriadas das expressões pode ser complementado, na nossa visão, pela proposição de Fillmore (1982, p. 117) de que os frames interacionais evocam molduras elaboradas com base na compreensão da situação comunicativa, através da capacidade dos falantes de organizar e esquematizar os elementos do mundo. Novamente, ao invés de apenas um nível de explicação, seriam dois, o que proporcionaria uma compreensão mais abrangente do processo.

Para finalizar, resgatamos a proposição de que quanto melhor o professor conhecer os processos cognitivos que balizam a aprendizagem, independentemente do conteúdo, mais habilitado ele estará para auxiliar seus alunos nas diferentes etapas deste processo. Sendo assim, esperamos que a análise aqui realizada tenha conseguido mostrar de que modo a teoria semântica dos frames pode contribuir para uma melhor compreensão dos processos inferenciais das EIs por aprendizes de L2, e, em especial, servir para, ainda que indiretamente, instrumentalizar o professor de L2 na sua tarefa ímpar de ensinar aprendendo e, sempre, aprender ensinando.

INTERACTIONAL AND COGNITIVE FRAMES IN L2 IDIOM UNDERSTANDING: A CASE STUDY

ABSTRACT

This paper presents the results of an analysis of the cognitive processes used by five learners of Portuguese as a L2 to infer the meaning of idioms, based

on the concepts of cognitive and interactional frames conceived by Fillmore (1982) and Fillmore & Baker (2010). The analysis of data carried out through the verbal protocol technique suggests that the explanatory potential of the frame theory is also applicable to the comprehension of meaning attribution to idioms in L2, be it through the notion of cognitive frame or interactional frame.

KEYWORDS: cognitive frames, interactional frames, idioms, L2 learning processes.

MARCOS COGNITIVOS E INTERACCIÓNALES EN LA COMPRENSIÓN DE MODISMOS EN LENGUA EXTRANJERA: UN ESTUDIO DE CASO

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de un análisis de los procesos cognitivos empleados por cinco aprendices de portugués como L2 para la inferencia de los modismos (EIs) a partir del concepto de marcos cognitivos interaccionales de Fillmore (1982) y Fillmore y Baker (2010). El análisis de los datos, evaluados por medio de la técnica de los protocolos verbales, sugiere que el potencial explicativo de la teoría propuesta por los autores es también aplicable a la comprensión de los procesos de asignación de significados de modismos (EIs) en el idioma de destino, se a mediante el concepto de marcos cognitivos, o mediante el concepto de marcos interaccionales.

PALABRAS CLAVE: marcos cognitivos, marcos interaccionales, modismos, la enseñanza-aprendizaje de L2.

NOTAS

- 1 Cabe notar aquí que outros termos, como scripts e cenários, também são usados para designar, em essência, o mesmo conceito.
- 2 Nesse sentido, cabe lembrar a diferença entre sistemas baseados em cadeias semânticas versus sistemas baseados em frames: os primeiros somente representam objetos simples, enquanto os segundos podem representar objetos complexos.
- 3 Gawron, M. *Frame Semantics*, 2008. p. 30.

- 4 Fillmore, C. *Frame Semantics*, 1982. p. 111.
- 5 Fillmore, C. *Frame Semantics*, 1982. p. 117.
- 6 Fillmore, C. *Frame Semantics*, 2008.
- 7 Fillmore, C. *Frame Semantics*, 2008.
- 8 Fillmore, C; Baker, C. A frame approach to semantic analysis. In: *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*, 2010. p. 313-339.

ANEXO



EDITORIAL *OS PINGUINHOS DA REFORMA****

Jayme Copstein, 13/06/09

Entrevista do escritor, poeta e crítico literário Ivan Junqueira, anteontem, no Programa do Jô, trouxe à baila a recente reforma ortográfica que extinguiu algumas miuçalhas a que não se dava a menor importância, acabou com o trema que não fazia mal a ninguém e, de positivo, apenas reconheceu usucapião de lugar no alfabeto das letras “k”, “y” e “w”, as quais já estavam aí desde sempre.

Junqueira, afora ser um dos melhores tradutores de literatura estrangeira, é poeta traduzido até na China. Estava *cheio de dedos* para falar sobre a reforma, com toda a certeza pensando em não melindrar amigos nela envolvidos. Além de reconhecer a resistência dos portugueses em adotá-la, enfatizou não passarem de pequeninos tantos por cento as mudanças introduzidas.

*** <http://www.jaymecopstein.com.br/content/Default.asp?acao=CC&cntId=&ediId=306>

REFERÊNCIAS

- AFFLERBACH, P. Verbal reports and protocol analysis. In: PEARSON, David et al (Org.). *Handbook of Reading Research III*. Londres: Routledge, 2000, p. 163-175.
- BREWER, W.F. Schemata. *The MIT Encyclopedia of Cognition*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1999. Disponível em: <ai.ato.ms/MITECS/Entry/brewer1.html>. Acesso em: 05 set. 2013.
- BULUT, T.; ÇELIK-YAZICI, I. Idiom processing in L2: through rose-colored glasses. *The Reading Matrix*, v. 4, n. 2, 2004, p.105-116.
- CAMPS, J. Concurrent and retrospective verbal protocols as tools to better understand the role of attention in second language tasks. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 13, n. 2, 2003. p. 201-221.
- CIENKI, A. Frames, idealized cognitive models and domains. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford University Press, 2007, p. 170-186.
- ERICSON, K. A.; SIMON, H. *Protocol analysis: Verbal report as data*. MIT Press, Cambridge, MA, 1993.
- FILLMORE, C.J. Frame semantics. *Selected Papers from the 1981 Seoul International Conference in Linguistics*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982, p. 111-137. Disponível em: <http://brenocon.com/Fillmore%201982_2up.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2000.
- _____; BAKER, C. A frame approach to semantic analysis. In: Heine, Bernd; NARROG, Heiko. (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p.313-339.
- GAWRON, J. M. *Frame Semantics*. San Diego, CA: San Diego State University, p. 1-59, 2008. Disponível em: <<http://www.cs.rochester.edu/u/james/Papers/029-FrameSemantics-Gawron-final.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2012.
- GIBBS, R. *The poetics of mind: Figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- KRAMSCH, C. *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- LAKOFF, G.; MARK, J. *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press, 1980.

LIONTAS, J.I. That's all Greek to me! The comprehension and interpretations of Modern Greek idioms. *Reading Matrix*, v. 1, n. 1, 2001. p. 1-32.

_____. Transactional idiom analysis: theory and practice. *Journal of Applied Linguistics*. v. 1, n. 1, 2002. p. 7-53.

MINSKY, M. A framework for representing knowledge. In: HAUGELAND, John (Ed.) *Mind Design*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1981.

POLÓNIA, C. P. F. M. *As expressões idiomáticas em português língua estrangeira: uma experiência metodológica*. 2009. 119 p. Mestrado (Ensino de Português Língua Segunda/Estrangeira). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2009.

RUMELHART, D.E. Schemata: The building blocks of cognition. In: SPIRO, Rand J. et al (Ed.). *Theoretical Issues in Reading Comprehension*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1980, p. 33-58.

_____; NORMAN, D. A. (1988). Representation in memory. In ATKINSON, Richard C. et al (Org.). *Stevens' Handbook of Experimental Psychology*. Vol. 2, *Learning and Cognition*. 2. Ed. New York: Wiley, 1988. p. 511-587.

SADEGHI, B.; DASTJERDI, H. V.; KETABI, Saeed. Patterns of Persian EFL learners' comprehension of idiomatic expressions: reading strategies. *Canadian Center of Science and Education*, v. 6, n. 8, 2010. p. 81-99.

SILVA, N. H. *Metáfora e Metonímia nas Construções com 'Pé': uma abordagem cognitivista*. 2011. 111 f. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

Submetido em 7 de julho de 2014

Aceito em 6 de agosto de 2015

Publicado em 21 de dezembro de 2015
